

O ritmo secreto do cinema

Concisão, clareza e o ritmo invisível dos dias.

Jean-Claude Carrière

Uma data importante na história do roteiro é a *Nouvelle Vague* francesa, que abandonou o estúdio. Quando um filme é rodado em estúdio, é possível ater-se ao roteiro, e o filme resulta uma cópia fiel deste. Na maioria dos roteiros dos anos quarenta e cinquenta, há para cada plano, indicações não só da ação, mas também do cenário e da objetiva a ser usada. O cenógrafo, ao fazer as maquetes, seguia exatamente o que estava escrito. Quando se filma em cenários naturais, é impossível arredar os muros ou quebrar as janelas: é preciso adaptar o roteiro às locações. Portanto, de vinte anos para cá, os roteiros não são mais escritos da mesma maneira: (...) as indicações técnicas desapareceram e até a decupagem técnica deixou de ser indicada, uma vez que deverá ser adaptada às locações.

Na década de sessenta, vivi essa fase de transição do roteiro: a passagem de um roteiro extremamente técnico a um roteiro mais legível. O desaparecimento do primeiro levou a um certo desprezo pelo roteirista. (...)

Vivi a má compreensão do "filme do autor". Aliás, o cinema francês se ressentia atualmente desse mal-entendido. Filme de autor não quer dizer filme concebido e realizado por uma só pessoa. A não ser Meliès e outros casos muito raros, nenhum filme foi realizado e concebido por uma só pessoa. Mesmo que os créditos digam o contrário, o filme é um trabalho coletivo. (...)

A posição do roteiro é uma posição chave na fabricação de um filme, pois é a partir do roteiro que se decide o filme. Não há nenhuma vergonha em ser roteirista, assim como não há nenhuma glória em ser realizador. (...)

Quando se escreve um roteiro, é preciso abandonar toda idéia de literatura e buscar a simplicidade: "ele entra, abre a porta, está furioso, olha a mulher e a esbofeteia", etc... É preciso ser bastante claro na narrativa, e, sobretudo, não omitir nada. A clareza é uma regra fundamental.

A segunda regra - se é que há outra - é a de nunca alongar-se ao escrever uma cena curta ou abreviar uma cena longa: o ritmo de leitura do roteiro deve acompanhar o desenvolvimento da cena na tela, ou seja, não se deve desperdiçar vinte linhas com o pulo de alguém fugindo pela janela.

A terceira regra - acabo de conversar sobre isso com Wajda, com quem estou trabalhando num projeto, *Danton* - é a noção do ritmo invisível dos dias e das noites. É preciso sentir esse ritmo, de uma maneira ou de outra, e respeitá-lo. O filme pode ter só uma noite, ou três, ou qua-

tro, mas a existência dessas noites deve servir para estabelecer esse ritmo secreto.

Há ainda a "decupagem inconsciente". Como as decupagens técnicas, isto é, as indicações de plano conjunto, plano aproximado etc., caíram em desuso, é preciso, toda vez que há necessidade de decupar, de mudar de plano, simplesmente mudar de parágrafo. Por exemplo, nós dois estamos aqui, nesta sala. Se eu escrevo, "Christian e Jean-Claude estão sentados um em frente do outro, diante de um gravador; no fundo, a janela aberta deixa ver um jardim com árvores", inevitavelmente, isto pressupõe um plano de conjunto. É a leitura inconsciente pois, embora não haja a indicação técnica, sabemos que isto só é mostrado num plano de conjunto. (...)

Aí, eu faço parágrafo: "Christian leva a mão aos lábios e olha fixo para Jean-Claude" - trata-se de um plano aproximado. O simples fato de fazer parágrafo indica a mudança de plano.

É a isto que chamo de leitura inconsciente do roteiro: sem sobrecarregá-lo de indicações técnicas, ela dá o ritmo do filme. (...)

Se pedirmos a um "contador de histórias" para refletir sobre a própria maneira de contá-las, ele não saberá mais fazê-lo.

Não há dúvida de que se trata de um dom, algo inato. Pode-se dizer que cada frase traz a sua contribuição à narrativa, sem, todavia, invalidar a frase seguinte. O mesmo acontece com um roteiro: é preciso que cada cena avance, respondendo a perguntas já feitas, levantando outras etc...

É assim que se conta uma história: é um movimento. O resto, é o segredo da criação, que escapa aos analistas e, claro, aos próprios criadores...

Pode-se dizer que um bom roteirista é alguém que conhece a fundo a técnica cinematográfica, pois é preciso escrever coisas viáveis, dentro de um orçamento e dentro das possibilidades do cinema. É preciso escrever coisas filmáveis, do contrário o roteiro não passa do sonho impossível de um filme. (...)

O paradoxo fundamental do roteirista é que ele deve conhecer a fundo sua técnica e ser capaz de esquecê-la inteiramente para poder, simplesmente, contar uma história.

(Les Scénaristes au Travail, Christian Salé. Editions Hatier, 1981, Paris)